

As mãos negativas

Vera Maria A. Tordinio Brandão*

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre os múltiplos significados da construção de um saber ampliado, processo que considere a evolução humana desde seus primórdios e seu desenvolvimento – a Cultura –, e o que se tornou o que hoje denominamos Educação. Os movimentos na busca da compreensão dos diferentes modos de expressão das produções humanas têm como base uma atitude inter e transdisciplinar – de respeito, acolhimento, despojamento de idéias pré-concebidas, e superação de paradigmas fechados em suas certezas incontestáveis. Utilizamos como metáfora destas aproximações as pinturas rupestres denominadas “mãos negativas”, em suas amplas possibilidades de entendimento e seus mistérios, tomando também como apoio as palavras de um poema de Marguerite Duras – *Les Mains Negatives* – duas expressões de cultura material que têm sido um ponto pulsante nas nossas reflexões sobre os sentidos da vida humana e seus legados.

Palavras-chave: educação; cultura; representações simbólicas.

Abstract

This article aims to reflect on the multiple meanings of the construction of expanded knowledge, a process that considers human evolution since its inception and its development – Culture – as well as what has become what we today refer to as Education. The movements in the quest to understand the different means of expression of human productions are based upon an interdisciplinary and transdisciplinary approach – respect, acceptance, relaxation of preconceived ideas, and the overcoming of paradigms confined in indisputable certainties. We used the cave paintings called “the negative hands”, in their broad scope of understanding and mysteries as a metaphor for these approaches, as well as the words of a poem by Marguerite Duras – *Les Mains Negatives* –, both being expressions of material culture that have been a pulsating point in our reflections on the meanings of life and its legacy.

Keywords: education; culture; symbolical meanings.

(*) Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais - Antropologia PUCSP. Pesquisadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento – NEPE - do Programa de Estudos Pós Graduated em Gerontologia PUCSP. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares – GEPI – do Programa de Estudos Pós Graduated em Educação-Currículo PUCSP. Autora dos livros *Labirintos da Memória. Quem Sou?* (Paulus, 2008); *Envelhecimento ou Longevidade?* (com Mercadante, E.F./Paulus, 2009); *Longevidade e Espiritualidade. Narrativas Autobiográficas.* (Centro Universitário São Camilo/PUCSP, 2011). Editora da Revista Portal de Divulgação. <http://portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php/revistaportal>

Há alguns anos estudei parte da obra da escritora francesa Marguerite Duras e entre suas produções literárias e cinematográficas, todas de forte impacto emocional, um poema se destacou, e ficou presente como uma marca em minha formação: *Les Mains Negatives*, cujos significados simbólicos e metafóricos vejo na construção do saber humano – e que denomino livremente cultura – e o conceito de Educação que domina o que se diz “saber” na nossa sociedade.

A imagem dessas mãos e as palavras de Duras estiveram, desde então, sempre presentes nas reflexões que tenho feito sobre o caminhar da humanidade, em seus curtos espaços-tempo de vida, no qual se sobrepõem as marcas, os passos e os murmúrios, de vozes e gritos, que ainda ressoam nas “cavernas escuras” da ancestralidade. Essas são marcas que podemos analisar na construção das culturas, cujos vetores de transmissão são a educação formal e não formal.

As *mãos negativas*, tema do poema, referem-se às descobertas realizadas nas Grutas de Gargas, localizadas na região norte dos Pirineus Atlântico em território francês, de inúmeras salas nas quais, além de muitos desenhos rupestres, se destacam as mãos “impressas” na rocha. A primeira referência às cavernas é do cosmógrafo François de Belleforest, em 1575, e foram, desde sua descoberta, visitadas e exploradas por curiosos e estudiosos. Um deles, Félix Réganaut, descobre, em 11 de junho de 1906, três mãos vermelhas pintadas em uma das paredes da gruta. Pouco tempo depois, com a divulgação de seus primeiros estudos, recebe o auxílio do abade Breuil, também já interessado nessas pesquisas. Diante das importantes descobertas feitas a partir dos seus estudos conjuntos, em 9 de abril de 1909, as Grutas de Gargas são classificadas como Monumentos Históricos.

As *mãos negativas* têm despertado interesse ao longo dos séculos, e são lembradas neste artigo porque portadoras de elementos inscritos na categoria do indizível, mistérios pulsantes de significados. Muitas são as perguntas: O que representam? O que nos dizem? Que enigmas encerram?

Traduzo livremente um trecho deste poema-grito (assim se expressa e o vejo), mas não no formato original da autora, como se pode ler no

original ao final do texto:

Ante ao oceano, sob a falésia, sobre a parede de granito.
Estas mãos abertas. Azuis e negras.
Do azul da água. Do negrume da noite.
O homem veio só à gruta. Ante o oceano
Todas as mãos têm o mesmo tamanho. Ele estava só.
O homem só na gruta olhou imerso no barulho, barulho do mar,
A imensidão das coisas. E ele gritou
Você que tem um nome você que tem uma identidade eu te amo

Eu sou aquele que chama
Eu sou aquele que chamava, aquele que gritava há trinta mil anos.
Eu te amo

Os mistérios que encerram essas *mãos negativas* ainda não foram, e talvez nunca sejam totalmente desvelados. Muitos pesquisadores buscam compreender essas manifestações humanas, no local agora classificado como patrimônio da humanidade, e dos estudos realizados chegou-se mesmo aos componentes químicos das substâncias utilizadas para esta “impressão”, e uma datação aproximada, cerca de 30.000 anos, como nos diz o poema.

Segundo o arqueólogo, paleontólogo e antropólogo francês Leroi-Gourham (1911-1986), em artigo referido na página oficial do *site* a respeito das grutas (1967), estas marcas são registros de práticas também de outros grupos humanos caçadores, atestadas por diferentes descobertas etnográficas, mas que, provavelmente, os homens de Gargas tinham uma linguagem gestual utilizada nas comunicações sobre a caça e para a transmissão dos ritos iniciáticos.¹

Outro estudioso, Jean Clottes (1933...), importante arqueólogo e especialista em arte rupestre, considera que o ato de contornar as mãos na pedra, e cobri-las com uma mesma substância, ritualmente preparada, seria equivalente a “atravessar” a parede e “penetrar no mundo espiritual encoberto pela superfície rochosa”. Como muitas das mãos mostram mutilações, com a falta de dedos ou partes dos mesmos, existem hipóteses que as amputações também fariam parte dos ritos de iniciação dos futuros líderes espirituais do grupo. No entanto, apesar dos estudos e de muitas descobertas, a presença destas mãos sobre as rochas restam enigmáticas.

1 Grottes préhistoriques de Gargas. http://grottesdegargas.free.fr/PAGE_7.html

Os mistérios que ainda cercam a constituição do *sapiens*, e suas incipientes tentativas de simbolização/significação são avivados pelas muitas descobertas científicas, nas quais incluímos as indagações sobre as *mãos negativas*, e esse pressentido grito calado na imensidão do mar e dos tempos.

As mãos, as nossas mãos! As pequenas mãos, um dos interesses primeiros dos bebês humanos que as admiram, com elas brincam e sorriem. Mas, antes disso num movimento reflexo, ainda recém-nascidos, as pequenas mãos seguram firmemente outras mãos, ou qualquer objeto que nelas seja colocado. Depois, amamentados, as pousam docemente no seio que os alimenta – talvez um dos mais belos e expressivos momentos que a natureza nos proporciona – confiança e segurança – sentimentos ao longo da vida buscados e, seguramente, nunca mais encontrados.

Mas, observamos estes mesmos quadros nos gorilas de grande porte. Herança e indício da fragilidade e da necessidade de proteção ante os perigos, desde sempre e para sempre?

Depois as mãos apóiam, seguram, apreendem, se negam, se oferecem, são “tomadas”, acariciam, batem, desenham, escrevem – riscos, rabiscos, formas, letras.

Dois momentos importantes neste processo interno-externo de aprendizagem – expressão intencional: o contorno das mãos – que primeiros os pais desenham, numa brincadeira de alteridades, e depois o desenho da própria criança, afirmando um dos primeiros sinais de identidade. Neste jogo de afirmações/confirmações – eu-outro – nos identificamos e, também, essas *mãos negativas*.

Mas, sabemos que nas grutas, além destas, outras simbologias estão expressas-impressas, outras tentativas de expressões e apropriações simbólicas: – Sinais de comunicação e de apreensão? Marcas identitárias de “poder”? Expressões de manifestações rituais – a mutilação? Busca de um contato com “os mundos” escondidos além das paredes de pedra? O Eu – impresso na parede rochosa tateando – buscando o Outro – invisível, mas necessária alteridade de suporte que traz segurança e conforto. As mãos, as nossas mãos.

A gruta – o refúgio, o esconderijo, o templo de sagradas manifestações?

Reflexões que nos levam a uma afirmação de Bastide, sobre seu percurso iniciático.

Não se matam os deuses. Pode-se derrubá-los de seus pedestais; eles continuam em nós, subsistem nas cavernas sombrias, nas câmaras que se crêem fechadas, e, destas trevas ignoradas, eles falam ainda”. (1983, p. 3)

O grito deste homem (des)conhecido e “destas trevas ignoradas” – os seus medos, angústias, desejos de segurança e compreensão, manifestações espirituais – ante o mar imenso e instável, e a fixidez da rocha – mistérios ainda não revelados ressoam, ainda, nas cavernas de nossa ancestralidade. Não podemos esquecer-los.

Essas *mãos*, espelhos das nossas, que ainda procuram, apalpam, escavam no escuro do desconhecimento de si e do outro. Mãos que nos trazem o mundo – portadoras dos sentidos – vetores da aprendizagem.

E o que apreendemos? Todo o “mundo de significados” é trazido a nós, e incorporado, pelos cinco sentidos – tato, olhar, paladar, audição, olfato. Os neurobiólogos afirmam que tudo o que afeta nossos sentidos é reelaborado e pode ser transformado em aprendizagem e, posteriormente, em memória de longa duração, ou seja, só podemos dizer que houve aprendizagem se dela formamos uma memória, que possa ser recuperada. Segundo o neurobiólogo Ivan Izquierdo (2004, p. 6) este processo é extremamente complexo, e afirma:

[...] nós formamos, guardamos e evocamos memórias com fortes componentes emocionais e sob intensa modulação hormonal [...] utilizamos processos bioquímicos localizados em diferentes células do nosso sistema nervoso para fazer ou evocar memórias.

Estes mecanismos de modulação

[...] envolvem vias nervosas e sistemas hormonais definidos, atuando em lugares específicos do sistema nervoso [...] As modulações que aqueles sistemas fazem sobre os mecanismos da formação e da evocação da memória correspondem aos efeitos das emoções, sentimentos e estados de ânimo ou de atenção dos indivíduos. (Ibid, p. 18)

Portanto, a memória - o que apreendemos – aparece como resultado de uma interação bioquímica que pode facilitar ou impedir, a cognição, o aprendizado e sua utilização. Esse processo de formação e consolidação de memórias/aprendizagem segue três passos: – a codificação de informações – elas chegam ao cérebro através dos órgãos dos sentidos; – a armazenagem das informações – elas são codificadas, estruturadas

e armazenadas no cérebro (em diferentes áreas); – a manutenção e recuperação das informações – transformação das informações em lembranças permanentes, passíveis de recuperação.

Para o mesmo autor, as memórias/aprendizagens não são adquiridas imediatamente na sua forma final. Durante os primeiros minutos, ou horas, após sua aquisição, elas são suscetíveis à interferência por outras memórias, por drogas, ou causas diversas. De fato, a formação de uma memória de longa duração, e que podemos também chamar de memória autobiográfica, envolve: – uma série de processos metabólicos; que ocorrem nas diferentes estruturas cerebrais; que compreendem diversas fases; e que requerem entre três e oito horas para se completarem.

Izquierdo afirma ainda que os estudos na área mostram que existe uma rede no cérebro responsável pelo processo das recordações, e que as memórias de curta e longa duração usam as mesmas células, mas enzimas diferentes, por isso são independentes. Enquanto esses processos não estiverem concluídos, as memórias de longa duração são instáveis. O conjunto desses processos, assim como o seu resultado final, denomina-se consolidação e, só então, as memórias podem ser recuperadas. Mas, ele diz também que um acontecimento só é mantido na memória, e passível de ser recuperado, se for modulado pela emoção e, assim, lembramos porque muitos desses fatos são acompanhados de uma forte carga emocional, “[...] num momento de hiperatividade dos sistemas hormonais” (ibid, p. 36).

Destacamos que sem necessidade, motivação, interesse, ou afetados por diferentes fatores externos, e que envolvem níveis variados de emoção, o processo de conhecimento fica incompleto. O que nos é indiferente, ou que não mobiliza nossos desejos e sentimentos, pode não ser incorporado como conhecimento e aprendido, não fica consolidado e, portanto, geralmente não pode ser recuperado, pois não se transforma em memória de longa duração. Nesse sentido podemos pensar que fica gravado o que teve significado, mas, como vimos acima, esses sistemas complexos que envolvem a formação das memórias são os mesmos que envolvem os esquecimentos e, assim, nem todas as memórias de longa duração podem vir à tona somente pelo nosso desejo de lembrar.

Este processo é expresso nas memórias/aprendizagens, aqui exemplificadas, das imagens e do poema. Ficou porque significou e posso delas lembrar e sobre elas escrever.

Apesar das recentes descobertas na área neurobiológica, e suas inúmeras conquistas, o cérebro e seu funcionamento guardam ainda muitas áreas desconhecidas, e a este respeito afirma Izquierdo:

Conhecer um ou todos os tijolos em detalhe, sua manufatura, composição química, dimensões precisas, posição final na construção, etc., nada nos dirá sobre a catedral (ou palácio ou caverna) a qual pertencem. Assim nos encontramos os pesquisadores da memória hoje em dia: com a química dos tijolos na mão, com os detalhes da arquitetura na mesa e com aquilo que sentimos ao entrar em Westminster ou Toledo, em Versailles ou em Schoenbrunn, ou nas cavernas de Malorca ou Minas Gerais: admiração profunda por algo que ultrapassa nossa compreensão real. (1998, p. 98)

As *mãos negativas* e seus significados encontram-se nesta afirmação “admiração profunda por algo que ultrapassa nossa compreensão real”, e que nos remete a esse (des)conhecimento do que julgamos acessível por meio das ciências estabelecidas. Estaria aí a chave do segredo desta memória ancestral que nos marca, angustia e conduz? Temos no exemplo que guia nossas reflexões, e tão bem expressas no trecho citado, imagens e palavras – manifestações do que denomino cultura – e que articula diferenciados saberes, pois apenas uma área do saber não responde às questões suscitadas por estas manifestações humanas.

Observamos, assim, a neurobiologia se encontrando concreta e metaforicamente, com a paleontologia, e nas tentativas de análise e compreensão com a antropologia e, por meio dela, com os rudimentos da expressão artística, com a comunicação e com os sentidos filosóficos envolvendo a busca de sentidos para “penetrar no mundo espiritual encoberto pela superfície rochosa”.

As *mãos negativas* possuem os fortes significados que as transformam em possíveis vetores de apreensão e tentativa de entendimento desses sinais, ao longo dos tempos. Temos provas materiais concretas: – primeiramente as imagens-figuras das mãos impressas na rocha; seguido da identificação das substâncias químicas utilizadas e, finalmente, a datação – 30 mil anos! Várias ciências se articularam para chegarmos a este saber, mas, essas provas materiais não respondem aos porquês: – Qual seus significados ocultos? Porque as mãos impressas? Porque as amputações? Seriam partes de um ritual ou representariam uma “falha” genética repetida pelos relacionamentos intragrupais? Como no

exemplo de Izquierdo ao abordar o tema da memória: – Muitas perguntas, muitas respostas, mas insuficientes ante os múltiplos significados dessas representações e da “compreensão do real”.

Vivemos hoje, quase que diariamente, um “mundo novo” de possibilidades de comunicação e acesso às informações, graças aos progressos tecnológicos e o alcance das novas “redes” interativas, que trazem profundas mudanças nos aspectos sociopolíticos, culturais e educacionais, em todos os grupos humanos. Qual o significado, neste contexto, de retomar símbolos estranhos e com fraca “intensidade e densidade”, como destas *mãos negativas*? A afirmação do filósofo Hilton Japiassu, em sua crítica ao “modelo” de educação vigente, no aparente longínquo ano de 1995, afirmava que “a lógica do conhecimento submetesse à lógica da encomenda, conseqüentemente, à lógica do mercado”. (p. 79). Hoje, 16 anos depois, verificamos que esta lógica persiste e, cada vez mais, o cerco do saber-fazer instrumental continua prevalente.

Como nosso objetivo, neste artigo, é refletir sobre os múltiplos significados da construção de um saber amplo, e que considere o processo de evolução humana desde seus primórdios, queremos enfatizar que não “saltamos”, do que nos legaram esses nossos ancestrais, para a alta tecnologia como em um passe de mágica. O desconhecimento e a desconsideração deste processo torna, como temos observado, a sociedade mais pobre de sentidos e significados, pois focado no saber-saber e saber-fazer. O processo de reflexão aprofundado que encaminha ao saber-ser está sendo descartado. Como integrar estas três instâncias – saber-saber, saber-fazer, saber-ser – fundamentais a um saber ampliado e integrativo? (Lenoir, 2001)

Como ouvir o grito mudo do Homem na caverna, frente ao imenso e desconhecido oceano, há 30 mil anos e que ainda ressoa em nós, se não ouvimos hoje os de insatisfação, de medo e insegurança de nossos próximos companheiros da jornada cotidiana. A sociabilidade que uniu os humanos, desde os primórdios, a partir das fragilidades e necessidades comuns – proteção, alimentação, sobrevivência da espécie – nos parece, se não rota, “esgarçada”. Nesta perspectiva tem sido muito comum, infelizmente, um pensamento que se traduz em: – *Eu estou bem, então está tudo bem!*

Santos (2000) reconhecendo-se um “utopista” propõe o oposto – um conhecimento emancipatório – no contexto de uma nova teoria crítica,

contra o que denomina – *consenso de resignação – razão indolente* – uma perspectiva resignada ante a homogeneização dos saberes e ações, decorrente das globalizações. Propõe como alternativa de *(des)pensar para (re)pensar* – novas formas de ações sociais, valorizando os sujeitos e suas singularidades sócio-históricas e individuais.

Se outros não estão bem, como posso eu estar bem?

É este processo de constituição das singularidades e subjetividades que, simultaneamente, buscam e formam o sentido para a existência da espécie, pois os humanos constituíram-se através da alteridade, ou seja, nas relações com outros seres. Neste sentido afirma D’Ambrósio:

Não há indivíduo sem o outro, portanto, sem sociedade; não há indivíduo sem natureza, a natureza sem indivíduos não é o que ela é; a sociedade sem indivíduos não é, e tudo isso está imerso no cosmos, e, sem tudo isso não há cosmos. Isto é, o quaterno é indissolúvel. (2003, p. 75)

Relações estabelecidas também por meio da linguagem, pois, segundo Bakhtin “nossa identidade forja-se no intercâmbio da linguagem com outros, à medida que começamos a nos ver através dos olhos dos outros” (apud Blumenschein, 2007, p. 61).

A identidade é fruto dessa relação complexa que pressupõe todo o saber acumulado expresso não só pela linguagem, mas por outros símbolos de comunicação, como as *mãos negativas*, que se encontram e entrelaçam no imaginário das culturas que partilhamos.

As posições acima são de teóricos considerados “clássicos”, e suas afirmações, que podem nos encaminhar às reflexões mais aprofundadas, têm sido consideradas, muitas vezes, como fora do contexto, ou desatualizadas, pois hoje impera o imediatismo e a novidade, panorama necessário e aceitável em algumas áreas das ciências (ditas) exatas e biológicas, em especial as biomédicas e, particularmente, envolvendo as tecnologias de comunicação.

Esses saberes tecnológicos “de ponta” têm como objetivo o progresso, traduzido na melhoria da vida humana, mas sua “aplicação” é muitas vezes desumana. O que falta? Como transferir o processo saber-saber e saber-fazer integrando-os para ações práticas, no modo do saber-ser?

Nas áreas das ciências humanas observamos que esse distanciamento das reflexões aprofundadas e de bases filosóficas – sobre o ser e o seus sentidos – afastam os gestores de políticas públicas, especialmente na

área educacional, da necessidade de uma (re)visão integrativa entre estes níveis de saberes, respondendo as reais necessidades sociais. E os resultados nas ações de intervenção, em várias áreas, seguem normas, padrões e protocolos ignorando, inúmeras vezes, aquele que deveriam ser delas beneficiários.

Em recente simpósio com o tema *Políticas Públicas e Gestão da Educação – construção histórica, debates contemporâneos e novas perspectivas* (abril, 2011) ouvimos os palestrantes² debaterem sobre a “ilusão” que afirma que a educação formal conduz ao “sucesso na vida”, porque pressupõe que o estudo resulte, necessariamente, em progresso econômico e aumento de renda, vetores que alimentam o consumo, portanto de interesse social, incluindo, nesta perspectiva, o crescente número de cursos de pós-graduação e MBAs – como “indústrias de certificados”.

Afirmam que apesar do desenvolvimento, na América Latina em geral, e conseqüente acesso das classes menos favorecidas à educação formal, até a universidade, a desigualdade persiste nas oportunidades de emprego e no valor dos salários. Segundo estudos, no interior da sociedade persiste um “racismo institucional” nos quesitos gênero e raça, que atinge a todos não importando o nível de formação. Os debatedores advertem que essa diversidade – geradora da complexidade – é rica em possibilidades positivas, mas também de preconceitos e desigualdades.

A diversidade é uma realidade constituinte da nossa formação cultural, e demanda atitudes e sistemas abertos e interdisciplinares na formulação de políticas públicas, em todas as áreas, pois as desigualdades que podem ser por ela geradas, se não superadas, comprometem a estrutura do sistema social e seu almejado progresso rumo a uma sociedade mais solidária. Progresso nesta perspectiva não é o contrário de desigualdade, mas pode ser ainda, perversamente, sua causa e alimento.

2 Mesa: Política e gestão da educação na dimensão da justiça e da diversidade social e cultural

Márcio Pochmann. Professor Livre Docente da Universidade Estadual de Campinas; Presidente do IPEA, Brasil. A realidade econômica e social do país e os desafios da formulação de políticas públicas de educação;

Miguel González Arroyo. Professor Emérito da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Políticas públicas de educação nas disputas por reconhecimentos;

Pablo Gentili. Secretário Executivo Adjunto do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Política educacional e justiça social: introdução ao debate atual e perspectivas

ANPAE – Associação Nacional de Política e Administração da Educação. <http://www.anpae.org.br/website/>

Essas reflexões apontam e, de certo modo, confirmam as questões abordadas neste artigo, ou seja, devemos pensar em uma formação ampla, integrativa, não só voltada para o desenvolvimento material, mas como um processo democrático onde seja privilegiada: – a construção identitária e a dignidade cidadã – na perspectiva da ética e do empoderamento.

Indicam, também, a valorização do conhecimento estratégico e da educação continuada como um sistema para toda a vida, e não só para o trabalho, uma educação para a sociabilidade, na qual sejam considerados coletivos diversos num diálogo de alteridades.

Estas discussões atualíssimas, considerando o nível dos palestrantes e as datas de suas comunicações, nos indicam a excelência das reflexões de Japiassú, que se desdobraram na questão da “atualidade” de seu “alerta” para o modelo educacional criticado, mas que persiste e, até mesmo, se ampliou.

Como vimos, a sociabilidade, para a qual hoje se apela, foi a base na construção dos modos de vida necessários à sobrevivência da espécie, e da qual emergiu a cultura. Mas essa construção de sentidos se fez a partir do momento em que, já vivendo em grupos em incipiente sociabilidade, os indivíduos tomam consciência de sua fragilidade ante o desconhecido. Ele podia ser identificado no *outro* ser, biologicamente semelhante, mas externo àquele grupo, nas forças da natureza, nos animais predadores e na morte. De todos os medos do desconhecido, o maior afigurou-se o da finitude.

A consciência desse perigo – para o qual não havia esconderijos, armas ou armadilhas –, para a qual a nascente inteligência humana não encontrava fuga ou solução, levou o homem a buscar o sentido na origem de seus medos. Dotou de poderes superiores a própria natureza e alguns animais, construindo um conjunto de símbolos e significados para os acontecimentos cotidianos, ritualizando práticas por meio das quais esconjurava o medo do desconhecido – *Ele estava só. E ele gritou.*

A ritualização da nascente sociedade, na busca de uma proteção imaterial, foi talvez o primeiro dos sentidos construído pelo *sapiens*. Ele vai então buscar, no mito, no rito e na arte, saídas para a angústia básica que se estabelece – a consciência do fim inevitável. Neste momento o homem constitui-se como construtor e constructo da cultura. Esclarece Morin:

[...] é muitíssimo provável que não só os utensílios, mas também a caça, a linguagem, a cultura, tenham aparecido no decurso da hominização, antes de ter nascido a *espécie propriamente humana* do *sapiens* [...] a hominização é um processo complexo de desenvolvimento, imerso na história natural e donde emerge a cultura. (1996, p. 49)

Neste contexto se destacam as *mãos negativas*, como símbolos desse processo de emergência do humano e de seu grito, ante ao desconhecimento – o nada. Como analisam alguns estudiosos, a partir do que mostram os desenhos de diferentes animais, em movimento ou abatidos, existentes em algumas cavernas como Gargas, Lascaux, Altamira, entre outras, o homem deixou marcas dessas tentativas de “ultrapassamento”, por meio dos ritos de superação e domínio da natureza e de seus medos. Podemos também vê-las como uma forma de exorcizá-los, como sinais de comunicação e manifestação de desejos, pois, segundo Hauser, no caso os desenhos de animais eram instrumentos de uma “técnica mágica”, a armadilha onde a caça tinha que cair [...] a armadilha com o animal já capturado – pois o desenho era, ao mesmo tempo, a representação e a coisa representada, o desejo e a realização do desejo” (1995, p. 4).

Devemos ressaltar, no entanto, as diferenças entre as imagens das *mãos negativas*, datadas em cerca de 30 mil anos, e as representações de animais em movimento com cerca 15 mil anos. As duas representações, encontradas na maior parte das vezes nas mesmas cavernas, sinalizam a evolução da espécie humana, e seus modos de expressão, mas, indicam também que as cavernas foram utilizadas, provavelmente, não só como refúgio, mas como “lugares de culto”, mesmo sem uma determinação referencial específica sobre os mesmos, ao longo de milhares de anos. Essas figuras estão, na maior parte das vezes, inscritas nos lugares de mais difícil acesso no conjunto de cavernas, e podem indicar que as representações eram atribuição de poucos, reforçando nesta perspectiva o caráter mais ritualístico e “secreto” das inscrições rupestres, ao longo da hominização e da instituição da sociabilidade.

Desse modo, o homem foi sinalizando seus espaços de vida, deixando impressos e expressos seus medos e desejos, por meio de sinais que continuam “mágicos” – pelo poder de inquietação que nos transmitem ao longo dos tempos – e assim perpetuados porque plenos de sentido, construindo saber.

Poder de inquietação que é, talvez, uma das fortes marcas da Antropologia que, segundo Augé, “tem vocação para questionar-se”, afirmação que subsidia nossas reflexões interdisciplinares, ao considerarmos que o questionamento e busca de sentido e respostas, nas muitas manifestações humanas, é similar à dos filósofos – amigos do saber. Ainda segundo o autor a etnografia, um dos recursos da Antropologia para precisar suas hipóteses, interessou-se pelas imagens que “assumiam seu sentido total no interior de sistemas simbólicos compartilhados, a maneira pela qual se reproduziam e, às vezes, se modificavam por meio da atividade ritual” (1998, p. 12).

Os sinais gravados na pedra são os geradores de inquietações expressas, posteriormente, por meio das palavras ditas pelos filósofos, indicando esse incrível processo de busca de sentidos, patente da evolução humana.

A filosofia sistematizou as questões básicas dos humanos – De onde vim? O que sou? Para onde vou? – expressas como metáforas do “tatear”, à procura de respostas, das mãos impressas há 30 mil anos.

São estas as mesmas perguntas que nos fazemos hoje frente à aceleração dos tempos, com seus sempre novos modos e modas de viver e se relacionar, nos quais a rapidez e a superficialidade de vínculos se destacam. Nada de certezas, de valores e conhecimentos “ultrapassados”. Tudo rápido, ágil, supertudo, já! Esquemas geradores de outras questões e inquietações.

Diante dessas mudanças talvez a mais dramática das inquietações seja relativa à preservação da vida na Terra. Cuidar do planeta parece ser a “missão” do “novo” *sapiens-sapiens*! Desafios para a reconstrução da vida plena.

Encaminhando-nos para o término deste artigo podemos considerar que a construção de um saber sobre si, sobre Outros, indivíduos e mundos – já expressas nas mãos negativas, provas da nossa cultura material – impressa/expressa nas paredes de granito e nas palavras poéticas – fazem partes de sistemas complexos para os quais as disciplinas separadas em suas certezas e paradigmas não encontram respostas.

Se considerarmos a educação formal e informal como construções de sistemas produtores de cultura, podemos indagar: – Qual o futuro de nosso legado?

Progresso material e científico. Ganhos de qualidade na infraestrutura das cidades e nos serviços oferecidos aos homens. Mas, e a sociabilidade produtora da solidariedade, dos encontros, da emancipação e empoderamento destes “ganhos” tecnocientíficos? E o “poder sobre si” tão anunciado?

Seguimos a ordem, o método, a razão. Devemos ressignificar a intuição, a imaginação, e a criatividade, invertendo a “ordem”, privilegiando a humildade, a coerência, a espera, o respeito e o desapego, aliados à afetividade e ousadia, princípios estabelecidos pela perspectiva interdisciplinar – como uma atitude de abertura frente aos diferentes saberes. Quanto tempo temos para rever os significados presentes e os legados pela ancestralidade que nos une como elos em uma corrente? Como exercitar a dúvida, tecendo um saber em rede – que religa seres, saberes e fazeres – que rearticula, na busca de novos modos de compreender e agir?

Acreditamos ser esse um exercício tanto individual quanto coletivo. Escuta sensível de nós mesmos e dos outros. Descobrir, construir, aprender e ensinar – pensar, (des)pensar, repensar – com e através da intersubjetividade “pois o segredo está na intenção da troca, na busca comum da transcendência” (Fazend0a, 2001, p. 22).

Eu sou aquele que chamava, aquele que gritava há trinta mil anos.

As *mãos negativas* e este grito poético foram as metáforas das reflexões “abertas e ampliadas” que este artigo nos propiciou. A utilização de metáforas é sempre motivo de questionamentos e queremos aqui explicitar que seguimos, neste tema, a perspectiva de Bourdieu (1999, pp. 34-36) que nos alerta para suas “significações flutuantes”, e seus potenciais riscos, e de sua validade quando utilizada de forma “consciente e metódica”, e passível de uma prova da “explicitação completa”, com rigor crítico na explicitação do uso dos esquemas explicativos, atitude que pode favorecer a construção de um saber ampliado e agregador, como nos aqui propusemos.

A metáfora nos possibilita, também, vislumbrar “pontos de luz” que iluminam outras dimensões do conhecimento, quando podemos entrever o que alguns estudiosos denominam transdisciplinaridade. Segundo Nicolescu, teórico de referência no tema, diante dos desafios dos novos conhecimentos, as disciplinas e os “novos modelos” estabelecidos não são amplos o necessário para uma compreensão e ação multidimensional,

que os esquemas pluri e interdisciplinares pressupunham. Afirma que a transdisciplinaridade:

[...] como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que *está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além das disciplinas*. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (2000, p. 15) (grifos do autor)

Muitas são as questões que se colocam diante deste “salto” transdisciplinar, e não nos cabe aqui discuti-los, mas gostaríamos de marcar esta possibilidade de pensar *através e além* das disciplinas, e dos esquemas do pensamento disciplinar, especialmente utilizando a “licença” da metáfora, pois como afirma o mesmo autor:

Desde os tempos imemoriais, imensos tesouros de sabedoria e de conhecimento vêm sendo acumulados e, mesmo assim, continuamos a nos matar uns aos outros [e que] *as culturas emergem do silêncio entre as palavras e esse silêncio não pode ser traduzido*. (2002, p. 66) (grifos do autor)

Esse é o silêncio que permeia nossa cultura. Saberes indizíveis, gritos inaudíveis. Mas ainda indagamos – este é um “momento” no qual, em silêncio, vislumbramos outras dimensões do saber?

Afirma Morin que a religação dos saberes tem que dar conta do “problema da complexidade [que] é, antes de tudo, o esforço para conceber um incontornável desafio que o real lança à nossa mente”.

A ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre as disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para um conhecimento multidimensional [e] ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. (2000, p. 176)

E completa:

È preciso encontrar o caminho multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. A realidade antropossocial é multidimensional: ela contém sempre uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão biológica. (Ibid, p. 189)

E a dimensão transcendental? *Para além de...?* Da parede de granito ao infinito do desconhecimento e incompletude.

Quantas perguntas, quantas respostas, quantas e angustiantes
dúvidas! E finalizo com o grito que ainda ressoa.

Eu sou aquele que chamava, aquele que gritava há trinta mil anos.

Les Mains Negatives

Marguerite Duras

Devant l'océan
sous la falaise
sur la paroi de granit
ces mains
ouvertes
Bleues
Et noires
Du bleu de l'eau
Du noir de la nuit
L'homme est venu seul dans la grotte
face à l'océan
Toutes les mains ont la même taille
il était seul
L'homme seul dans la grotte a regardé
dans le bruit
dans le bruit de la mer
l'immensité des choses
Et il a crié
Toi qui est nommée toi qui est douée d'identité je t'aime
Ces mains
du bleu de l'eau
du noir du ciel
Plates
Posées écartelées sur le granit gris
Pour que quelqu'un les ait vues
Je suis celui qui appelle
Je suis celui qui appelait qui criait il y a trente mille ans
Je t'aime
Je crie que je veux t'aimer, je t'aime
J'aimerai quiconque entendra que je crie
Sur la terre vide resteront ces mains sur la paroi de granit face au fracas de l'océan
Insoutenable
Personne n'entendra plus
Ne verra
Trente mille ans
Ces mains-là, noires

La réfraction de la lumière fait frémir la paroi de pierre
Je suis quelqu'un je suis celui qui appelait qui criait dans cette lumière blanche
Le désir
le mot n'est pas encore inventé
Il a regardé l'immensité des choses dans le fracas des vagues, l'immensité de sa force
et puis il a crié
Au-dessus de lui les forêts d'Europe,
sans fin
Il se tient au centre de la pierre
des couloirs
des voies de pierre
de toutes parts
Toi qui est nommée toi qui es douée d'identité je t'aime d'un amour indéfini
Il fallait descendre la falaise
vaincre la peur
Le vent souffle du continent il repousse l'océan
Les vagues luttent contre le vent
Elles avancent
ralenties par sa force
et patiemment parviennent
à la paroi
Tout s'écrase
Je t'aime plus loin que toi
J'aimerai quiconque entendra que je crie que je t'aime
Trente mille ans
J'appelle
J'appelle celui qui me répondra
Je veux t'aimer je t'aime
Depuis trente mille ans je crie devant la mer le spectre blanc
Je suis celui qui criait qu'il t'aimait, toi

Referências bibliográficas

- AUGÈ, M. (1998). *A Guerra dos Sonhos*. Campinas/SP, Papirus.
- BASTIDE, R. (1983). *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo, Perspectiva.
- BORDIEU, P. (1999). *A profissão de sociólogo – Preliminares epistemológicas*. Petrópolis/Rio de Janeiro, Vozes.
- BLUMENSCHHEIN, E. C. (2007). *Como reverbera a palavra: contribuição a uma Teoria Interdisciplinar em Educação*. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo, PUCSP.
- D'AMBROSIO, U. (2003). A interdisciplinaridade. Novas possibilidades da ciência. *Revista Kairós – Gerontologia*, PUCSP, Educ, v.6, n. 1.

DURAS, M. (1978). *Les Mains Negatives*. Disponível em: <http://nussoumelok.blogspot.com/2008/07/marguerite-duras-les-mains-negatives.html>. Acesso em: 15/4/2011.

FAZENDA, I. (2001). *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. São Paulo, Papirus.

HAUSER, A. (1995). *História Social da Arte e da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes.

IZQUIERDO, I. (1998). *Tempo e Tolerância*. Rio Grande do Sul, Sulina.

_____ (2004). *A Arte de Esquecer. Cérebro, Memória e Esquecimento*. Rio de Janeiro, Viera&Lent.

JAPIASSU, H. (1995). “A Crise das Ciências Humanas”. In: FAZENDA, I. (org). *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo, Papirus.

LENOIR, Y. (2001). “Didática e Interdisciplinaridade: uma complementaridade necessária e incontornável”. In: FAZENDA, I. (org.). *Didática e interdisciplinaridade*. São Paulo, Papirus.

MORIN, E. (1996). *O paradigma perdido: a natureza humana*. Sintra, Europa-América.

_____ (2000). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

NICOLESCU, B. (2000). *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília, Unesco.

_____ (2002). Fundamentos metodológicos para o estudo transcultural e transreligioso. *Educação e Transdisciplinaridade II*. São Paulo, Triom.

SANTOS, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo, Cortez.